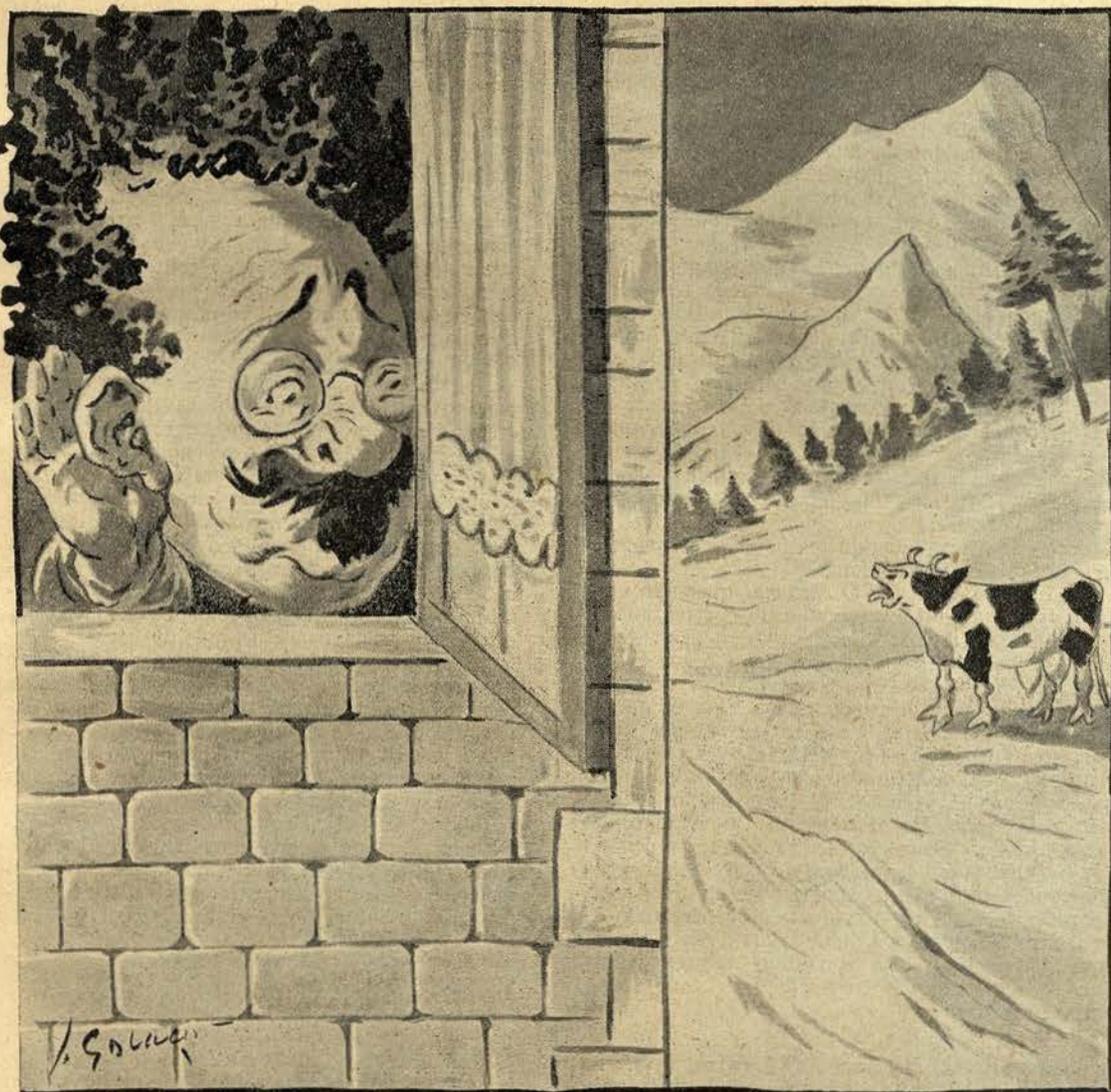




Lisboa, 9 de Abril de 1915

NO CHALET DA SUISSA



—Se vou para a frente encontro o Rybadanera; se volto para traz tenho o Pimenta. Estou encravado! . . .

Polemica inoportuna

Quando no nosso penultimo numero, escrevemos o artigo intitulado *Questão dynastica*, fizemo-lo apenas com o intuito de concorrer com a nossa modesta voz, para que *O Nacional* finalisasse com uma polemica intempestiva e injusta que, generalisando-se, apenas traria para a Causa Monarchica, desorientação e prejuizos.

Temos a certeza de ter sido correctos, porque nunca a incorrecção foi o nosso forte, e igual certeza temos de haver traduzido o sentir da maioria dos monarchicos que viam com desgosto *O Nacional* oferecer ao desconjunctado machinismo republicano, um pretexto para as suas costumadas explorações politicas.

Entendeu o nosso illustre collega que devia responder ao que aqui escrevemos, em tom chocarreiro de espirito barato, passando do campo dos principios, para o campo do personalismo.

Confessamos a nossa desillusão, porque dada a correcção do director d'*O Nacional*, mesmo para os adversarios julgavamo-lo incapaz de magoar amigos de quem nunca, crêmos, recebeu senão provas de muito apreço e muita consideração, embora desvaliosas.

Foi mais uma lição que registamos agradecidos, para que sirva de futuro ensinamento á doze de ingenuidade que, pelo visto, ainda possuímos. E, posto isto em tom amistoso, creia o sr. dr. Anibal Soares, a quem jámais nas horas do seu exilio esquecemos, que o seu desprimor para conosco, não encontrará echo da nossa parte, porque apesar de não reconhecermos no director d'*O Nacional* qualquer situação privilegiada dentro do campo monarchico que o destinga como detentor dos sagrados papiros, basta a consideração pessoal que nos merece, para mantermos sempre por S.^a Ex.^a, o apreço que foi adquerido em horas bem longas e a margas de lucta commum.

Poderá o director d'*O Nacional*, querendo, collocar-se no topo da escadaria intellectual deixando-nos a nós no cubiculo do porteiro, que nem um gesto faremos para desmentir S.^a Ex.^a. Mas, assim como nos resignamos a essa situação subalterna, no campo do *valor*, nem por hypothese admittimos que o sr. dr. Anibal Soares, tente adeantar-se-nos uma polgada que seja, na sua dedicação á Causa Monarchica. Perante ella, o director d'*O Nacional*, é o mesmo que nós somos — do que são todos os que ha quatro annos luctam. Nem mais, nem menos. E se por ventura o seu peito se encontra agora distinguido com invisiveis cordões do marechalato, que desconhecemos, não teremos duvida em o felicitar por tão justa mercê. Mas desde já lhe declaramos que tem de perdoar a indisciplina d'este soldado que não tendo nunca aprendido a fazer continencia a superiores, apenas sabe, rudemente, abraçar camaradas.

No echo d'*O Nacional* a *O Thalassa*, o sr. dr. Anibal Soares não respondeu a nenhum dos pontos concretos que aqui citamos sobre a inoportunidade do levantamento da questão dynastica e a injustiça da campanha contra *A Nação*.

Não insistiremos, repetindo-os, porque, quem nos leu viu como collocamos o incidente e a justiça e a intenção das nossas palavras.

De resto, este incidente está morto, e pela nossa parte já teriamos posto ponto final no assumpto, se não fosse a circumstancia de termos dedicado o ultimo numero d'*O Thalassa*, apenas a assumptos de Semana Santa, como haviamos annunciado anteriormente ás referencias d'*O Nacional*. Mas fazemo-lo hoje, limitando-nos em mais meia duzia de periodos, a responder ao nosso illustre collega, muito terminante e cathegoricamente.

Escreveu *O Nacional*:

«Em qualquer caso, o certo é que no pleito entre o órgão miguelista e *O Nacional* difficilmente pôde ser juiz o distincto redactor d'*O Thalassa*, visto ser ao mesmo tempo redactor d'*A Nação*; o que até cria ao nosso engraçado *Crispim* a situação de véras bem humoristica de ter de ser *manueista* ás sextas-feiras, e *miguelista* no resto da semana».

Pois o engraçado *Crispim* responderá ao antigo e não menos engraçado *Asdrubal*, repelindo a situação de *feijão frade* que com tanta e immerecida descortezia *O Nacional* o brindou; porque a circumstancia de ser redactor d'*A Nação*, nunca o impediu nem impedirá de ser coherente com as suas ideias, as quaes mercê de Deus, jámais soffreram qualquer brotoeja, mesmo nos seus tempos de estudante. Somos ás sextas feiras o que somos no resto da semana; somos hoje, aos trinta annos; o que eramos aos dezoito. E como dos nossos actos só é juiz a nossa consciencia, entendemos que até á restauração, só deve haver um *bloco monarchico* e dentro d'esse bloco, estamos sempre promptos a exercer a nossa modesta acção, em todos os campos onde militem homens de bem.

Pertencemos á *Nação*, é facto, e d'essa nossa situação temos a mais desvanecida honra, porque esse jornal é um symbolo do caracter e da honestidade politica. Mas fique-o sabendo *mais uma vez O Nacional*, que somos ali durante toda a semana o que aqui somos ás sextas feiras, e que essa circumstancia nunca nos incompatibilisou com qualquer dos illustres dirigentes do partido legitimista ou com os mais cathegorisados politicos constitucionaes como em Chaves e em Vinhaes se não sentiram incompatibilisados os soldados de Paiva Couceiro e os soldados de D. João d'Almeida.

Quer queira *O Nacional* quer não queira, o *bloco* monarchico existe e ha-de existir, sem divisões de campos, e sem atteamto d'antigas paixões partidarias, até que a Monarchia volte a ser um facto. E então, mas só então, cada qual escolherá o caminho que o seu criterio lhe aconselhar. Assim é e assim ha-de ser.

Sobre as referencias pessoas do director d'*O Nacional* a quem escreve estas linhas, desejamos ainda registrar este mimo com que o seu illustre director pensou atirar-nos pelos degraus do seu olympico throno de ungião de graça especial.

«Com effeito o nosso estimavel amigo, que a esse tempo estava apenas no *Correio da Manhã*, tinha a seu cargo a direcção superior da secção das *Provincias*, o que não lhe deixava muito ensejo para ver o que ia pela politica».

Esta invocação d'*O Nacional*, desvanece-nos porque, se alguma coisa somos hoje no jornalismo politico, isso mostra que *começamos pelo principio*, o que é um orgulhoso attestado para os que sobem por esforço proprio.

Começámos por baixo — simples redactor com a *direcção superior da secção Provincias*; mas já n'esse tempo eramos tão methodicos na divisão do nosso tempo, que n'esse mesmo *Correio da Manhã* e por indicação do seu director, ainda tiravamos tempo á *superior direcção da secção Provincias*, para muitas vezes escrever artigos de fundo e *echos politicos* que mereciam os louvores do redactor principal d'aquelle diario. D'esses tempos, guardamos as mais gratas lembranças, pois foram n'esses primeiros ensaios jornalísticos que alcançámos os louvores mais honrosos e sinceros da nossa vida de jornalista, ouvindo o publico attribuir essas produções da nossa modestissima penna, então incumbida da *direcção superior da secção Provincias*, á penna, já altamente considerada e eminente brilhante, do sr. dr. Anibal Soares, nosso camarada no referido jornal. Desvanecedora confusão esta, para nós, insignificantes vermes da imprensa, a qual só podemos attribuir ao bafo dos gigantes! . . .

E para terminar, duas linhas mais sobre a conducta politica d'*O Thalassa* a que n'um recente artigo de fundo, *O Nacional* allude, deturpando as nossas intenções.

Os dois annos de existencia d'este semanario são a prova mais eloquente da sua coherencia, não precisando portanto justificarmo-nos, nem alterar hoje o que escrevemos hontem.

As suas colleções são um testemunho vivo da sua dedicação a El-Rei Dom Manuel II e a toda a Família Real; todos os seus artigos uma prova eloquente da sua fé e do seu amor á Causa Monarchica. Sem um dia sequer, termos abdicado d'este programma, temos sempre orientado a nossa attitudde pelos superiores interesses da Patria e da Monarchia, entendendo que todos devemos estar unidos como um só corpo, n'um unico *bloco*. Assim caminhamos ha quatro annos com *toda a imprensa monarchica* e com ella concordamos n'este modo de ver, por ser o unico que pode trazer effeitos praticos para a restauração.

Discorda *O Nacional* d'esta maneira de pensar? Acha que deve proseguir nas suas campanhas, dividindo energias, desorientando os correligionarios da provincia, ressurgindo antigas luctas partidarias?

Está no seu direito, mas os republicanos que lhe agradeçam o serviço.

Os monarchicos que queiram vêr todos os perigos d'essa aventura *d'onde nem um unico beneficio poderá resultar para a Causa*, hão-de certamente desaproveitar a attitudde d'*O Nacional* — como desde o primeiro dia da sua campanha teem feito. E ao lado d'estes estamos e continuaremos a estar.



Tezissimas

O Thalassa curva-se reverente perante as tezissimas mulheres de Louza que correram a *formigada* do sitio.

Ponham ali os olhos, illustres *thalassas* do sexo forte.



BOMBAS

Continuam a rebentar em todos os cantos do paiz, como se fossem foguetes. E passado o estoiro, ninguem mais falla no caso. Nem vale a pena. Os feridos vão para o hospital, os mortos enterram-se e os *artilheiros* continuam no officio.

Podem crêr que este paiz não se põe no são sem uma grande rusga de norte a sul.

Aggressões... anonymas

Uma folha que se publica em Beja e de que é director e editor (!) o proprio governador civil do districto, pretendendo alvejar um nosso amigo cujas preclaras qualidades de character estão immensamente sobranceiras á pequenez moral dos seus insultadores, publicou n'um dos ultimos numeros, uma local anonyma em que a falta de correcção e de verdade correm parelhas, n'um mystiforio mesquinho de calumnias.

O nosso illustre amigo, a quem *O Thalassa* e a Causa Monarchica devem o melhor da sua actividade e da sua comprovada dedicação, dispensa que o defendamos, não só porque os insultos, partindo d'onde partem, são para toda a gente de bem um attestado honroso de dignidade e de valor, mas ainda porque a sua altivez de character, paira muito alta para que qualquer assalariado do regimen de Ambaca e quejandas *miudezas*, possa attingi-lo.

No entanto, sempre diremos ao grosseirão, que mais parece, pela prosa, um carroceiro do que um jornalista, que, cá em casa o que se diz prova-se. E sendo assim, melhor avisado andará de futuro se, em vez de pretender enlamear quem passa, sahia primeiro do chavascal em que porventura estiver atolado.

Aqui só tem entrada quem não se apresentar mascarado.

PATHE
Thalassa
• TUDO • VÊ •
• TUDO • SABE •
• TUDO • INFORMA •

Um jornal da manhã mostrava-se ha dias alarmado e apprehensivo por não saber a quem será confiada a missão de defender a nossa causa e sustentar os nossos direitos no futuro congresso da Paz, onde os vencedores da actual guerra eurodeia irão reformar o mappa mundial com as pontas das suas espadas vencedoras.

Tem graça! Pois não tem esta republica um corpo diplomatico tão tiradinho das canellas? A unica dificuldade estará na escolha, tudo indicando que ella venha a recair nos mais conhecidos: o *Chico das Pégas* e o sr. Soares, ambos de marca d'anzol, e universalmente festejados.



O dr. Ligorio disse no congresso das Portas de Santo António que em Portugal não ha monarchicos convictos; ha-os por ambição, por snobismo e por despeito.

O advogado tão nitidamente classificado, no tribunal da Relação do Porto, pelo seu collega dr. Amador Valente; o reu envolvido em varias querellas pendentes dos tribunales comuns, pode dizer o que quizer, que a ninguem offende. — Para offender tambem é preciso ter-se cathgoria.



Gaba-se o burlesco Bernardino de que foi no seu governo que se organizaram as *primeiras expedições para a Africa*.

Só se lembra, o conferente de Alcantara, da expedição que, por mal organizada, soffreu os desastres de Cuangar e de Nauvilla; esquece as que se cobriram de louros em Coolela, em Chaimite, no Barué e nos Dembos, e em que fulguraram as espadas gloriosas de Galhardo, Mousinho, Azevedo Coutinho, Couceiro, João d'Almeida, Ayres d'Ornellas, Eduardo Costa, Montez e Francelino Pimentel.

Não ha duvida, que a memoria do auctor das *Notas d'um paé* está em justa harmonia com o tamanho da sua cabecinha de bilro.



O indulto do hespanhol Leandro, offerecido pelo brasileiro Bernardino, foi uma obra de benemerencia tal, que todos modestamente se escusam a aceitar-lhe a paternidade — Por fim hade averiguar-se que quem indultou o incendiario foi o mesmo que matou o cão: foi o Baeta.



O congressista Sá Cardoso disse no Polytheama que entre o partido democratico e a força armada, não ha nem pode haver a menor desintelligencia.

Pelo visto está de accordo com as baboseiras das *uurindanas* bolsadas pelo chefe no cemiterio do Porto e com os insultos publicados no orgão tripeiro do partido, e julga a todos por si, o heroe do automovel de 4 de outubro! . . .

O THALASSA

FOI UM AR QUE LHE DEU ...



-AGARRA!... AGARRA!...

“O THALASSA,,

CAPAS E COLECÇÕES

Referenciamos pôr brevemente á venda as capas para a coleção de 2.º anno d'“O Thalassa”.

Como dissemos já, as capas d'este anno são tambem azues e brancas e, alem de illustradas a capricho por Jorge Colaço, que pôz n'este trabalho todo o seu brio artistico e patriótico, as capas do 2.º anno d'“O Thalassa” terão impressa uma poesia «A Bandeira» original inedito da notavel e distinctissima poetiza a Ex.^{ma} Senhora D. Franca de Gonta Colaço.

«A Bandeira» é uma das produções mais notaveis da illustre escriptora, que mais uma vez se dignou honrar “O Thalassa” com a sua eminente collaboração.

Logo que possamos faze-lo, publicaremos a photographia d'este sensacional trabalho, cujo preço não podemos fixar ainda, mas que não deve exceder em muito o do anno passado.

Os colecionadores que desejem encarregar-nos da encadernação podem enviar-nos desde já para a redacção as suas colecções devidamente registadas. Este trabalho tem de ser executado com perfeição, afim de as paginas centras não ficarem inutilizadas.

Usem a agua de Mouchão da Povoá

Aconselhada por todos os medicos como o melhor remedio para a cura de doenças da pelle, estomago e doenças das senhoras.



Um defensor...

Diz-nos um leitor, muito indignado, que aquella fera que nas Caldas deitou bombas sobre os catholicos que iam na procissão precisa um forte correctivo.

Pois sim, vá esperando. Na primeira amnistia está na rua. Pois se foi em defeza da republica e contra os *jasuitas!*...

Até o sr. Affonso Costa vem da Suíça para o defender.



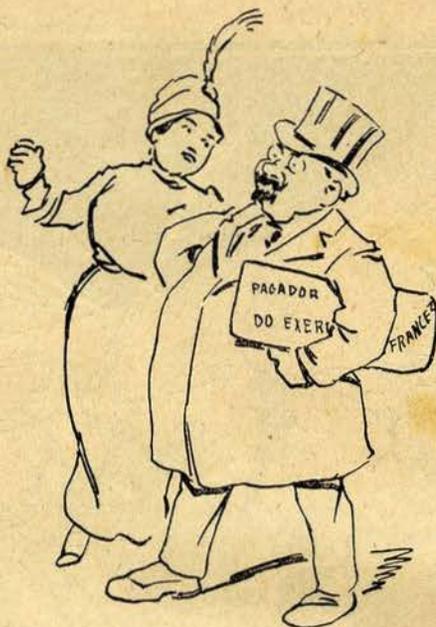
Onde está o homem?



— Dizem uns que foi alistar-se na guerra...

Fermento d'úvas Formosinho Cura: Furunculoses — Diabetis — Eczema — doenças da pelle. — Pharmacia Formosinho — Praça dos Restauradores, 18 — Lisboa.

Onde está o homem?



Dizem outros que foi substituir o pagador do exercito francez, Desclaux...



Maçarocas...

Averiguou-se agora em Roma a existencia da maçonaria no bello sexo. — Isto de *bello*, no caso presente, não passa, é claro, de uma tímida hypothese.

Intitula-se *Grande Loja Feminina de Italia* a aggremação das damas da maçonaria, que vieram criar-nos uma nova difficuldade. Como é que havemos de denominar as membras da tal *Grande Loja?*... Maças?... Massarocas?... Valha-nos o grande philologo Caturra Junior!...

— É agora, senhoras Velludae, vamos, sejam do seu seculo e acompanhem a civilisação! Maçonaristem-se!



“O Infante Santo,,

Assim se intitula o folhetim que o nosso prezado collega *A Nação* está publicando, devido á penna do eminente escriptor o nosso prezado amigo sr. Ruy Chianca, o consagrado auctor da *Aljubarrota*.

O *Infante Santo* que recebeu um justificado apreço publico, é dos romances historicos mais interessantes que temos lido, merecendo por isso o entusiastico acolhimento que os leitores d'“*A Nação*” lhe estão dispensando.

Os nossos parabens ao seu illustre auctor e á *Nação*.



RECITA DE AUCTORES

A recita dos auctores da revista *A Feira da Vida* é na proxima segunda-feira, 12 do corrente, sendo o espectáculo, d'essa noite, n'uma só sessão, que começa ás 9 horas.

A Feira da Vida

TODAS AS NOITES

Duas sessões ás 8 1/2 e 10 1/2

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Sempre numerosos novos

Espirito sem pornographia

Figuras politicas em todos os quadros

Linda musica!

Deslumbrante guarda-roupa

Hoje estreia do novo quadro

❖ No jardim da fraternidade ❖

Ficando assim a revista dividida em 2 actos e 6 quadros

Todas as noites são bisados os engraçadissimos numeros

La Verbena... politica

Galuchinho—O impedido do sr. Pimenta—O casto cordeal—A banana—O miseravel—O cacau de S. Thomé—O Trovador da Costa.

A's terças e sextas feiras recitas da moda

A Feira da Vida é a revista preferida pela sociedade elegante



Critica pelas criticas

A Feira da Vida

Temos recebido diversas cartas a proposito da revista A Feira da Vida, todas com imerecidas amabilidades para os seus auctores. Não as publicamos por motivos que o publico facilmente comprehende, emboia aqui prestemos o nosso sincero reconhecimento.

Algumas d'essas cartas encerram muitas verdades sobre o que se tem dicto e escripto, da revista em scena no Rua dos Condes, mas resolvemos deixar a critica expandir-se á vontade e mais tarde então, se fôr necessario e tivermos pachorra, havemos de contar por miudos, muita coisa interessante. Dá quasi para um romance.

Das cartas que recebemos, destacamos a que segue — abrindo assim uma excepção — por estar cheia de fino espirito ironico. É uma critica pelas criticas, e quem vir A Feira da Vida, comprehenderá todo o sador d'esta carta.

Arredores d'este mundo—Março 915.

Collega «Crispim».

Aqui, na campã fria, onde a desgraça me tem, continuô a interessar-me pelo theatro; e como não posso fazer a sua critica pela observação directa enquanto um Marconi ou um Roegten não inventarem uns raios que me restituam os sentidos, limito-me a esperar a chegada d'alguem mortal fenecido para, com os elementos que elle me preste, compôr a minha critica indirecta.

Ora é á sua Feira da Vida que eu me vou referir servindo-me em primeiro lugar das criticas dos jornaes lisboetas e accessoriamente d'um ou outro elemento fornecido pelo mortal que assistiu á premiere e que falleceu no dia immediato, victima d'uma congestão cerebral fulminante quando acabava de lêr o ultimo jornal que se referia á sua obra.

—Antes porem, permitta-me V... que eu faça umas ligeiras considerações sobre o genero theatral em que V... se lançou.

A revista, a meu vêr, é a quinta-essencia do theatro. A vida em todos os seus vicios e todas as suas virtudes allí se apresenta quer sob o aspecto ridiculo, quer sob o sentimental. Allí cada figura é uma these; cada couplet um poema. As grandes mentalidades do theatro, a começar por Aristofanes e a acabar em Baptista Diniz, fizeram a sua immortalidade pela revista. E eu mesmo, modesto Sarcey, em toda a minha obra de critica, peça alguma tinha para mim difficuldades que se assemelhassem ás da revista. Ainda hoje, carcomido pelos vermes, bem me lembro de tres noites de vigilia que passei para comprehender uma phrase que uma mulher semi-nua proferia, n'ma revista do Olympia de Paris, quando lhe perguntava o «compère»: *qu'est ce que tu fais, ma petite?* e ella respondia: *je fais ce qu'ils veulent!* O que esta phrase encerrava de philosophia! O alheamento moral e physico a que aquella figura se votava!

Por aqui já V., vê a logica e a verdade das minhas affirmativas. Mas vamos á Feira da Vida.

Com respeito á parte litteraria, é minha opinião que ella está

muito descuidada, com abundancia de erros grammaticaes, sobretudo de orthographia, mas estou convencido que Camillo ou Herculano não escreveriam melhor. Isto quanto á prosa. O verso, cuidado e com musica, tem felizes imagens, mas está muito longe da grande epopéa de João Sevilha, um dos primeiros poetas portuguezes de todos os tempos. Aprenda allí, sr. V. S. e depois então escreva. O curso de cavallaria que lhe sirva.

A revista está bem urdida, todos os seus personagens teem connexão, embora tudo esteja desligado e as figuras não estejam definidas. Espirito não tem nenhum, se bem que o publico tivesse rido e applaudido muitos numeros, tendo até bisado alguns. A distribuição é que achei pessima. Ha mesmo erros flagrantes, por exemplo: quem devia fazer a *carina*? nunca a Zulmira, para quem estava destinada a *canção abandonada*, visto a sua figurinha esplendida para um «travesti» de joven academico. Mas ha mais: Porque não foi distribuido ao actor Oliveira, que faz o *Destino*, aquelle lindo numero de canto que é feito pelo Trio Niza?

Estes reparos, não destróem a minha firme opinião de que a distribuição não podia ter sido melhor.

Com respeito ao desempenho só não gostamos da Carmen Osorio e de Luciano que, com justiça, nunca ouviram palmas. Os outros todos bem, salientando-se uma costureirinha que traz um enxoval e que n'uma simples phrase: *é da loja da America*, revella o seu temperamento artistico.

A musica, é verdade, que me ia esquecendo, achei-a pouca e má. Não admira, porque foi feita por um jesuita que, como se sabe, são a negação para tudo o que diga respeito a revistas. Os meritos do seu auctor, o notavel compositor Fortée Rebello, faziam-nos crêr em que, mais uma vez, nos revelaria o seu talento o que effectivamente succedeu inundando a esplendida revista de linda e aprazivel musica.

Guarda-roupa e scenario pôde-se mesmo chamar riles; para que contribuíram o conhecido gosto dos laureados artistas que são Reis Filho e Castello Branco. O publico, juiz supremo, que se fartou d'applaudir, sahio do theatro aborrecido.

Ora aqui tem, meu caro collega a minha critica, isto é, *critica pelas criticas*, pois, como lhe digo, é extrahida da leitura que fiz dos criticos da imprensa lisboeta.

Os meus sentidos parabens.

Seu, etc.

Sarcey.

A loiça de Sacavem

É a que mais duração tem. A' venda em todos os bons estabelecimentos e no Deposito geral—rua da Prata, 126 a 152—Lisboa.



Espectaculos

Colyseu dos Recreios

O notavel conjunto de artistas que compõem a actual companhia de circo do Colyseu dos Recreios dispensa reclames porque excede tudo quanto de elogio poderia dizer-se a seu respeito. O que se pode afirmar sem receio é que não ha memoria de trabalhos tão extraordinarios e sen-acionaes como os seus e de artistas de tal maneira completos como os que o illustre commendador Antonio Santos conseguiu apresentar-nos. Os numeros são magnificos, e quem uma vez os vê executar nunca mais se cança de os applaudir. A troupe de malabaristas, a troupe chineza; o «jungleur» Briatore, a troupe Frediani, os 25 pellas, e os «clowns» Albano e Pepino são, alem dos restantes elementos de um valor tal, que só por si justificam a reputação artistica de uma companhia.

Nacional

Como tinhamos noticiado, reabriu no ultimo sabbado o nosso primeiro theatro de declamação. A peça de abertura foi o «Amor á antiga» que fez um verdadeiro successo na primeira noite e que ainda agora está constituindo o maior acontecimento theatral da actualidade.

O publico enche todas as noites a sala do «Nacional» não se cançando de victoriar o «Amor á antiga» que é uma das mais notaveis produções artisticas dos ultimos tempos.

Gymnasio

A comedia «4028 Lx.» e a farça «Casa com escriptos» manteem-se com os applausos dos primeiros dias, constituindo um dos espectaculos mais interessantes da actualidade.

O publico enche todas as noites a elegante sala do Gymnasio e ri sempre com vontade, sublinhando com estrepitosos applausos as famosas e engraçadissimas peças.

Avenida

A revista «A. B. C.» em scena n'este theatro continua a ter encantos colossaes.

O publico todas as noites ri dos seus ditos, applaudindo o impagavel actor Nascimento Fernandes nos seus engraçadissimos numeros. Os restantes artistas desempenham igualmente os seus papeis com a maxima correcção.

Apollo

Realizou-se hontem n'este theatro a «première» da nova revista «Rosa Tirana», original de Lino Ferreira, Jorge Roldão e Arthur Rocha, com musica dos apreciados maestros Carlos Calderon e Vasco Macedo. A peça que agradou immenso, tem dois actos e oito quadros e está recheada de ditos de espirito.

É peça para largo futuro.

ECHOS DO CONGRESSO POR "PETENERAS,"



El-chulo-Quim — Olé! Olé!... Por las roças de S. Thomé!...